

Nafs

Introdução

A palavra *Nafs* é o termo árabe (no singular) atribuído para eu, ego e alma. Na tradição sufi, esse conceito costuma ser apresentado com dois significados¹.

Primeiro, ele está associado com os apetites do ser humano e é usado como um indicativo de suas imperfeições. Esse é o significado, por exemplo, da frase: “Seu pior inimigo é o seu *nafs*” ou da conclamação a uma Luta contra o *nafs* (*Jihad al-Nafs*)². Nesse caso, a palavra *nafs* indica o eu que se limita aos ditames do ego e reduz o ser humano aos seus aspectos mais egoístas e auto centrados, e por isso, deve ser colocado sob controle.

O segundo significado de *Nafs* relaciona-se com o conceito do eu como algo que pode ser desenvolvido através de vários níveis, de forma consciente e volitiva. Nesse sentido, a palavra *nafs* também costuma ser traduzida como alma³, mas ao contrário do senso comum que afirma que cada pessoa possui uma alma inata, o Sufismo e outras tradições afirmam que a alma deve ser desenvolvida volitivamente.

Esses níveis definem estágios⁴ de desenvolvimento que vão desde a quase inconsciência, onde a alma está isolada da totalidade da qual ela participa, até estágios onde a consciência é plena, e abarca toda criação, de tal forma a transformar-se em dimensões de seu próprio ser. Assim, ao final do processo, aquilo que a consciência pessoal engloba consiste num reflexo da totalidade da criação, revelando novamente o Uno na própria dimensão pessoal do indivíduo que se dispôs a dar os passos nessa direção. E a esta realização plena é atribuído o nome de *Insan el Kamil* (Homem Perfeito).

O conceito do *Insan el Kamil* representa tanto o protótipo de toda a criação, quanto o reflexo da Unidade Primordial. Ou seja, a criação, em sua multiplicidade de expressões possíveis, consiste em um reflexo do Uno. No sufismo, a Unidade é um pressuposto básico que assume uma forma explícita na *Shahada*, a afirmação que diz “não há deus a não se Deus.”⁵ Essa frase é claramente dividida em duas partes, uma negação (“não há deus”) e uma afirmação (“a não ser Deus”) que sugere que não existe nada que deva ser considerado como estando isolado ou separado do próprio Criador. Nesse sentido, a criação nada mais é do que a manifestação infinita do Criador, e não algo diferente dEle. Por isso, os sufis consideram como sua meta mais elevada englobar essa totalidade em si mesmos, no sentido de tornarem-se uma imagem perfeita da Unidade.

¹ Al Ghazali. *The Revival of the Religious Sciences*.

² Idem acima.

³ Existe outra palavra que é usada para alma que é *ruh*. Porém, *ruh* é comumente traduzido e definido como espírito, no sentido de espírito vital (ou pneuma vital) e tem relação com o sopro divino instilado dentro de Adão no momento de sua criação.

⁴ No Sufismo são apresentados dois conceitos que são denominados de estados e estágios. Os estados referem-se a experiências ocasionais que revelam dimensões de ser e perspectivas emocionais que, por não terem sido plenamente desenvolvidas, não são permanentes. Elas acontecem ao acaso, e desaparecem com o tempo, deixando apenas a memória de algo incomum que foi vivenciado. Já os estágios são níveis que definem dimensões de ser já estabelecidas e por isso, eles são permanentes.

⁵ A *Shahada*, bem como o conceito da Unidade Divina, é um preceito da própria religião Islâmica. O Sufismo que se expressou dentro dessa visão religiosa desenvolveu esses conceitos a ponto de apresentá-los associados a vários modelos e práticas que visam a transformação e o desenvolvimento do ser.

Essa imagem perfeita será devolvida à fonte de toda a criação e é daí que nasce a imagem da necessidade de polir o próprio coração de todas as impurezas de tal forma que ele se torne um espelho perfeito. Somente assim o homem participará do desejo expresso pelo Criador em um dos *hadith*⁶: “Eu era um tesouro escondido e desejei ser conhecido, por isso fiz a criação.”

Ego e identidade

Basicamente, o ego surge associado ao processo de formação da personalidade, uma estrutura que se desenvolve ao longo do crescimento do indivíduo em direção à maturidade. Ao nascer, antes de formar uma identidade, o homem está completamente imerso numa experiência oceânica e universal incapaz de sentir a si mesmo, ou seja, de sentir uma diferença entre ele e tudo que o cerca.

Porém, é necessário um modo de ser que diferencie o indivíduo desta totalidade, e isto ocorre quando surgem as primeiras experiências de consciência de si, ainda na infância. Nesta fase a sensação de ser é muito tênue, mas é um passo fundamental em direção ao desenvolvimento da consciência de si.

Porém, ao longo do crescimento, o conjunto de valores familiares, sociais e culturais em que cada um é educado limita as possibilidades desse ser em desenvolvimento, a uma gama particular de expressões. Quando se atinge a maturidade, a maioria das qualidades e potencialidades do ser permanece ainda adormecida e não explorada, e esse quadro geralmente, se mantém ao longo da vida. O modo com que cada um percebe e se relaciona com o mundo, as emoções, comportamentos e a própria auto-imagem ficam presos em um conjunto de elementos que moldam a própria identidade.

Esta estrutura desenvolve-se ao longo do crescimento é chamada de personalidade e a identificação da própria identidade com estes elementos, é chamado de ego. A partir deste ponto, a sensação de ser e as perspectivas através das quais cada indivíduo se relaciona com a vida serão frutos dos próprios valores e conjuntos de experiências do ego.

Como a consciência de si mesmo, que deveria conferir uma sensação de identidade (ou de ser), permanece atrelada à formação da personalidade, acaba-se por confundir essa identidade com os conteúdos da personalidade em si. Esta confusão (ou identificação) é o que caracteriza o ego, e que colapsa as infinitas possibilidades de expressão do ser numa única. Como a personalidade baseia-se fundamentalmente na repetição e mecanicidade, a tendência é que o desenvolvimento da consciência cesse. Ou seja, as ações, relações, percepções e comportamentos de indivíduo frente à realidade serão determinados pela personalidade e baseados nos ditames do ego. E isto não só definirá a sensação de ser de cada um, como definirá também o modo como a vida será compreendida e sentida. Por isso, será necessário desenvolver outros níveis de consciência para libertar a individualidade dos limites impostos pelo ego e pela personalidade.

Quando (e se) todos esses níveis de consciência forem desenvolvidos a contento, a identidade da pessoa envolvida conterà dentro de si a capacidade de estar consciente da totalidade da criação. Por isso é dito que, a consciência que esse ser tem de si mesmo abarca e contém a consciência do todo. É nesse contexto que surge o trabalho com os

⁶ Ditos atribuídos ao Profeta Maomé.

Nafs: primeiro libertando a individualidade dos ditames do ego e depois, conduzindo-a em direção ao aperfeiçoamento.

Aqui, a alegoria do “pecado original” pode ser compreendida como um elemento fundamental do próprio ato criativo⁷. Experimentar a fruta da árvore do conhecimento consistiria justamente na perda de contato com a experiência oceânica dos primeiros meses após o nascimento, uma forma de consciência que apesar de ser abrangente, não permite o desenvolvimento da consciência de si. A saída desse estado não seria um pecado, mas um ato necessário para que o homem saísse de uma condição paradisíaca, pois, se permanecesse nessa condição, ele não cumpriria sua responsabilidade de conhecer a criação e refleti-la ao criador, e assim, assumir seu papel e cumprir seu propósito. Portanto, seu caminho não consiste em retornar ao paraíso e à sua condição de inocência prévia, mas realizar a perfeição da qual é reflexo. E isso acontecerá se ele assumir o aperfeiçoamento de sua individualidade até transformá-la em um espelho da totalidade da qual ele participa.

***Nafs* como aspectos do ego que devem ser controlados**

Acima de tudo, o ego fundamenta-se em certos padrões de comportamento e visão de mundo que limitam as expressões da personalidade e a reduz aos conjuntos de valores enraizados nele. Na infância mais tenra, o ego é preponderante e a criança busca apenas satisfazer suas necessidades e está inconsciente dos resultados de suas ações. Essa é uma condição natural e necessária nos primeiros anos de vida. A faculdade do discernimento e da razão só será desenvolvida mais tarde e ninguém poderá culpar uma criança pequena de desejar apenas conforto e saciedade de suas necessidades e de evitar tudo que não lhe causa prazer.

Mas, à medida que o crescimento e amadurecimento acontecem é esperado que a pessoa saia do estágio do ego. Os sufis⁸ relacionam essa necessidade com a busca, entrada e permanência em um “caminho correto” (*as siraf al mustaqin*), idéia esta que surge nas primeiras linhas do Corão⁹. Para o sufi o caminho correto é aquele que leva em direção à Unidade de forma garantida e eficaz. É uma linha reta que conduz do estágio do egoísmo para o da Perfeição ou da União com uma totalidade que é buscada a partir de um conhecimento profundamente emocional e que, por vezes, é relacionada com o Amado.

Essa união se estende a todos os pontos da criação e é a compreensão dela e sua real percepção e experiência que passam a ser buscadas como um antídoto para o ego – no Corão afirma-se que para onde quer que se olhe, ali está a face do Amado¹⁰. A compreensão de que as diversas formas e expressões presentes no universo são manifestações de uma única e mesma realidade conduz o indivíduo adulto a encarar a realidade e o seu papel dentro dela a partir de uma outra perspectiva.

E esta perspectiva dificilmente é alcançada e mantida enquanto a identidade estiver presa em comportamentos, emoções e pensamentos que se repetem e sempre conduzem

⁷ Ver Hakim Moinuddin Chishti. 1991. The book of sufi healing. Inner Traditions, Rochester.

⁸ Idem acima.

⁹ A Al-Fatiha, a oração de abertura do Corão, afirma: “Guia-nos no caminho correto, no caminho daqueles a quem Tu amas; protege-nos dos caminhos daqueles que se perderam.”

¹⁰ No original: “A Deus pertence o Leste e o Oeste: para onde quer que você se volte, ali está a presença de Deus”. Corão 2, 115.

o indivíduo para dentro de um mesmo labirinto que fornece sempre uma única e mesma visão de mundo e de si mesmo. Este apego da identidade pelas repetições mecânicas e por uma visão deturpada de si mesmo e da realidade é o que define e sustenta o ego.

E é por isso que os sufis declaram que o ego consiste naquilo que se interpõe entre o buscador e a unidade – ele é a fonte da dualidade, uma ilusão que mantém cada ser isolado da totalidade da qual ele participa. Ele acaba sendo o ídolo que deve ser quebrado em nome do Amado. Porém, o problema está no apego ao ego e não apenas no ego em si. E esta prisão só poderá ser superada com o despertar de uma consciência que englobe as dimensões de ser e da realidade que são possíveis a cada ser humano. Nessa dimensão, a identidade e a sensação de ser passam a ser percebidas como fazendo parte, intrinsecamente, de diferentes pontos do universo, ou seja, a identidade na busca pela unidade, passa a estar em todos os pontos – nela, a separação é curada.

Assim, o trabalho com o apego a essa dimensão de ser limitada pelo ego, num primeiro momento consiste em caminhar em direção a um despertar da consciência, que liberta a identidade de sua associação exclusiva com os aspectos egóicos e limitadores. Para isso, na tradição Sufi são sugeridas algumas técnicas como o *fikr*, *zikr* e o *adab*.

No entanto, essas técnicas não são abordadas de forma simplista. A contemplação e a reflexão (*fikr*) não se limitam a uma investigação puramente intelectual, assim como, a recordação (*zikr*) não se limita ao seu aspecto cerimonial ou à mera repetição dos Atributos¹¹. Da mesma forma, a busca por uma regra de conduta (*adab*) não se reduz a aspectos externos, nem é baseada em comportamentos estereotipados.

Essas três técnicas devem ser empregadas de forma associada. Os níveis de desenvolvimento de ser estão associados à meditação e reflexão sobre os Atributos divinos em sua relação com a dimensão humana e é neste contexto, que o *zikr* é também empregado. É dessa dimensão que surgem novos comportamentos e relações com a realidade que constituem o *adab*. Para cada etapa de desenvolvimento específico existem formas específicas de se trabalhar com cada uma dessas técnicas.

Por exemplo, o *adab*, dentro do Sufismo, tem sido apresentado como uma forma de refrear as demandas do ego e aproximar a expressão humana da Perfeição que é representada na tradição, pelo próprio profeta Maomé. E Ali, genro do profeta e um de seus companheiros mais próximos, é considerado um exemplo da realização dessa dimensão de ser que o *adab* propõe desenvolver.

Como exemplo, conta-se que uma vez, no meio de uma batalha, Ali estava engajado em uma luta contra um inimigo e, quando já o havia vencido e estava para matá-lo, o outro cuspiu em sua face. Imediatamente, Ali abaixou a espada e refreou seu ataque. Espantado, o inimigo lhe perguntou o porquê de sua atitude, e Ali disse: “Quando você cuspiu em meu rosto, ergueu-se em mim a raiva do meu ego. Se eu o tivesse matado, isso não teria sido feito em nome de Deus, mas em nome do meu próprio ego. Eu me tornaria um assassino. Por isso, você está livre para partir.”

Cada dimensão ou estágio representa uma nova dimensão de ser, mas também uma nova forma de apreensão da realidade. Mas para que uma nova forma de apreensão seja revelada, é necessário o desenvolvimento da capacidade de percepção de níveis cada vez mais sutis. Por trás dessa idéia surge no sufismo o conceito dos *latifas*, como órgãos

¹¹ Dentro da tradição islâmica as manifestações de Deus na criação são compreendidas como uma forma de expressão de seus Atributos ou qualidades. Estes Atributos, conhecidos também como os Mais Belos Nomes de Deus foram revelados através do Corão, onde são reconhecidos 99 Nomes. Parte do trabalho de desenvolvimento do ser humano, na tradição sufi, é reconhecer e realizar estas qualidades em si mesmo.

de percepção da alma. Assim como o corpo possui os cinco sentidos através dos quais ele interage com a realidade sensória, os *latifas* representam um novo modo de relação com a realidade sutil. A cada um desses níveis ou dimensões de ser que o modelo dos *Nafs* apresenta e a cada um dos *latifas* está associado um profeta da tradição abramica, que são usados como arquétipos que representam esses estágios da alma em sua aderência ao “caminho correto.”

As técnicas citadas acima não serão aprofundadas aqui porque podem ser encontradas em outros textos.

***Nafs* como estágios de desenvolvimento da alma**

Nesse contexto, o conceito de *Nafs* aponta para uma dimensão de ser que busca, em primeiro lugar, libertar-se da identificação com o ego, para então, através dos estágios sucessivos, atingir a realização da perfeição implícita no conceito do *Insan el Kamil*. Cada um desses estágios da alma ou *nafs* apresenta características específicas.

Tradicionalmente são citados três estágios cujas referências surgem no Corão. Porém, alguns autores^{12 13} desenvolveram uma divisão em sete estágios, que vão desde um estágio ainda dominado pela preponderância do ego até estágios mais próximos da perfeição:

- a) A Alma Degenerada (*Nafs-al-Ammara*)
- b) A Alma Acusadora (*Nafs-al-Lawwama*)
- c) A Alma Inspirada (*Nafs-al-Mulhama*)
- d) A Alma Tranquila (*Nafs-al-Mutma'inna*)
- e) A Alma Satisfeita com Deus (*Nafs-al-Radiya*)
- f) A Alma com quem Deus está Satisfeito (*Nafs-al-Mardiyya*)
- g) A Alma Purificada ou Perfeita (*Nafsu-al-Safiya wal-Kamila*)

a) A Alma Degenerada

A Alma Degenerada relaciona-se com o homem ainda identificado com seu ego e, portanto, ignorante em relação às suas potencialidades. Nesse estágio, sua consciência é muito pouco desenvolvida e sua reduzida capacidade de atenção resulta num constante estado de alienação e distração. Por isso, a realidade é pobremente percebida e restringe-se apenas aos aspectos que afetam diretamente os interesses do ego, tais como, prazer ou desprazer, gratificação ou ameaça, placidez ou esforço, entre outros. Esses apetites estão associados a um aspecto animal e nessa dimensão, mal se pode falar em termos de ser humano – a humanidade ou a qualidade intrínseca de ser humano apenas será desenvolvida após os primeiros passos dentro desse processo. É importante frisar que os apetites em si não consistem no problema fundamental, mas sim o fato de que o

¹² W. H. T. Gairdner: “The Way” of the Mohammedan Mystic. Em Muslim World, publicado em 1912 por Hartford Seminary Foundation (Toronto, Canadá). Existe uma versão resumida em português em http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/caminho_gairdner.pdf. O original pode ser encontrado em <http://www.archive.org/details/muslimworld02hartuoft>.

¹³ Esses sete estágios são também expressos na poesia de Faradudin Attar que descreve sete vales, os quais os pássaros devem atravessar em sua busca pelo Simurgh. Ver A Conferência dos Pássaros - a versão resumida está em http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/conferencia_passaros.pdf.

ego e suas exigências se tornam a totalidade daquilo que se é ou que se busca, numa identificação praticamente inconsciente que reduz a expressão do ser e a relação que ele estabelece com a realidade a esses elementos.

A Alma Degenerada restringe o comportamento à busca por suprir as necessidades imediatas e por exercer o menor esforço possível. Tudo se resume em repetir certas atitudes que minimamente garantem o conforto e a continuidade da integridade do ego.

Esse é o eu que está mais afastado da meta final que consiste na união com o Amado - ele ainda está inconsciente da necessidade por essa união. No Corão, esse estágio surge na seguinte passagem: “esse eu [*Nafs-al-Ammara*] é propenso ao mal” (12:53).

Para ilustrar esse estágio da Alma, pode-se considerar a seguinte história: numa ocasião um anjo e o diabo estavam discutindo sobre a natureza humana. O anjo argumentava que as más ações que o homem cometia eram culpa do diabo, que seria responsável pelas tentações aos quais o homem inexoravelmente sucumbia. Mas o diabo, por sua vez argumentava que o homem apresentava uma propensão ao mal e que ele não era o responsável por suas condutas. A discussão se tornou acalorada e sem conclusão - foi quando o diabo propôs exemplificar seu ponto de vista.

Ele escolheu uma família que possuía uma ótima relação com seus vizinhos. Um dia o pai da família comprou uma cabra e a amarrou em seu jardim. O diabo, então, desatou o nó que prendia a cabra a uma árvore, que então, ao se soltar, entrou na casa do vizinho, comeu sua comida, quebrou alguns móveis e sujou toda a casa. O vizinho, chegando em casa, viu a cabra e tomado de raiva matou o animal. Quando o dono voltou para casa viu sua cabra morta e o vizinho com a faca na mão. No mesmo instante eles começaram a discutir, e a briga acabou por envolver as duas famílias. Assim se tornaram inimigos para o resto da vida, cada um deles sempre usando cada oportunidade e motivo para prejudicar o outro, perpetuando esse conflito por várias gerações.

Então o Anjo acusou o diabo de ser o responsável pelo evento, tentando provar que seu argumento estava correto. Foi quando o diabo respondeu: “Mas a única coisa que eu fiz foi afrouxar o nó que prendia a cabra!”

b) A Alma Acusadora

O estágio da Alma Acusadora surge a partir do momento onde o indivíduo começa a ter os primeiros vislumbres de seus próprios limites e mecânicas. Essa nova referência em termos de estados possíveis de serem vivenciados o faz perceber o quanto ele está preso em uma dimensão da qual não consegue se libertar. Surge um sofrimento intenso em perceber o próprio estado de identificação para com os valores do ego, e surge também a percepção da incapacidade em se manter em algum outro estado que não o da identificação com os valores do ego.

Essa dimensão só se manifesta no momento em que a necessidade intrinsecamente humana de busca pela perfeição surge. Antes disso não existe um porquê do ser humano se acusar ou questionar.

A Alma Acusadora consiste em um estado onde se é capaz de monitorar o próprio comportamento e perceber a natureza secundária de muitas coisas que anteriormente eram consideradas como fundamentais, e então, desvendar a verdadeira dimensão do relativismo em que se vive.

Corresponde a uma fase onde se busca a introspecção e a auto-análise. Os elementos inferiores do eu são expostos e reconhecidos. É uma fase de luta e sacrifício. É chamada de Alma Acusadora, pois longe de acusar os outros de qualquer falta que seja, o indivíduo se volta a si mesmo e, muitas vezes pela primeira vez, tem uma visão clara e dolorosa de seus próprios limites. A cada vez que os ditames do ego são obedecidos em contraposição àquilo no qual a pessoa agora acredita e necessita, surge a reprovação e acusação.

Percebe-se claramente que existe uma necessidade e anseio inerentes, que nascem de dentro do indivíduo e que se expressam de forma incontestável, e que precisam ser supridos de alguma forma. Porém, essa necessidade ainda é pouco compreendida e não se têm forças para ouvir essa voz em detrimento das necessidades do ego. Por isso é dito que nesse estágio há muita luta e tristeza, pois a pessoa se sente impotente em responder a esse anseio de forma apropriada e permanente – ela vê a si mesma sempre caindo de volta a um estado de adormecimento e de repetição de velhos hábitos que ela não mais valoriza e até mesmo, repudia. É uma fase difícil, mas que consiste justamente num primeiro passo do “caminho correto” que conduz a identidade a libertar-se da identificação com o ego e a encaminha para a unidade e perfeição que lhe são inerentes.

Nesse estágio surge a consciência de que o mal consiste em tudo aquilo que é interposto entre a pessoa e esta necessidade pela união. Todo o comportamento, emoção, ponto de vista, atitude, palavra, intenção, ou seja, todos os elementos que surgem a partir do ego são entendidos como sendo o mal – um caminho que privilegia a identificação com um ídolo do qual não se consegue libertar.

No Corão, a Alma Acusadora surge na seguinte passagem: “Juro pela alma que acusa a si mesma [*Nafs-al-Lawwama*] - porventura o homem crê que jamais reuniremos os seus ossos? ... Quando tua visão for aberta e tu compareceres ante o teu Senhor, nesse dia o homem será inteirado de tudo o que fez e tudo o que deixou de fazer.” (75: 2-13)

A história a seguir ilustra esse estágio. Um dia a mulher de Nasrudin saiu com os filhos para fazer compras na cidade e pediu que ele tomasse conta da casa. Porém, estava um dia agradável e Nasrudim decidiu pescar, mas esqueceu de trancar a porta. Quando a mulher voltou da cidade viu a porta aberta e viu que a casa havia sido roubada. Quando Nasrudim chegou da pesca ela começou a gritar e discutir com ele, acusando-o de ser o responsável pelo roubo da casa. Mas Nasrudim, quieto, ouvia perplexo a mulher gritar com ele. E assim que ela parou por um instante ele argumentou que a culpa não era dele. E ela ainda mais furiosa gritava e discutia cada vez com mais vigor. E assim que ela novamente parou, ele falou: “Por que você está me culpando pelo roubo?” E ela furiosa respondeu: “Você esqueceu a porta aberta! Quem mais eu deveria culpar?” E ele calmamente respondeu: “O ladrão.”

c) A Alma Inspirada

Esse é um nível onde o indivíduo já apresenta um pouco mais de firmeza e controle no sentido de não mais cair constantemente nas garras de seu ego. Disso nasce uma sensação de contentamento e tranquilidade, como se a alma pudesse descansar da luta empreendida no estágio anterior.

Apesar de ser um processo incipiente, o anseio pela perfeição e união torna-se sua referência e é buscado de forma mais constante. Livre das necessidades imperiosas do ego, que tingiam anteriormente a realidade com as cores de suas exigências, o indivíduo se vê diante de um mundo novo.

Esse estágio é chamado de Alma Inspirada, pois implica num desapego em termos do que anteriormente gerava sofrimento ou ansiedade e que era pautado pela visão limitada e auto-centrada do ego.

O contentamento característico desse estágio não nasce da ausência de imperfeições da alma, mas de um vislumbre claro da meta a ser atingida. Afinal, esta é uma fase onde existe muita impermanência dentro desses estados superiores, e ainda são necessárias orientação e disciplina.

No Corão, A Alma Inspirada surge nos seguintes versos: “E tu, ó alma inspirada [*Nafs-al-Mulhama*] retorna ao teu Senhor satisfeita com Ele e Ele satisfeito contigo! Entra no número dos Meus servos. Entra no Meu jardim.” (89: 27-30)

Existe um dito atribuído a Rabia al Adawya, uma das referências mais importantes do início do Sufismo, que diz: “Oh meu Senhor, se eu adorar você por medo do inferno, me queime no inferno. Se eu adorar você por ansiar pelo paraíso, me impeça de atingir os seus portões. Mas se eu adorar você por você, apenas, então me conceda a beleza da tua face.”

d) A Alma Tranquila

Essa dimensão é caracterizada pela existência de uma identidade mais permanente e por uma sensação de ser ou identidade que não mais se limita pelos conteúdos e apegos do ego, e que se sobrepõe às suas flutuações e conflitos. Essa tranquilidade nasce da certeza da direção a ser seguida, e confere à realidade e à própria vida, um novo sentido e propósito.

Tudo o que se vê é compreendido como uma manifestação de uma totalidade que se expressa em múltiplas formas, e que consiste na percepção de uma harmonia e justeza da qual o próprio indivíduo participa. Ele não vive mais no passado ou no futuro e sim no momento presente.

Conta-se que um dia um rei estava em um cortejo de volta a seu palácio. Por onde passava todos se prostravam em sua presença, até que o cortejo passou por um dervixe que não se curvou. O rei intrigado e ofendido desmontou de seu cavalo, se dirigiu até o dervixe e perguntou como ele ousava não se prostrar frente o rei, que a tudo possuía e a quem todos obedeciam. Porém, o dervixe respondeu: “Por que eu deveria me prostrar frente a você, quando você obedece e se submete àqueles que são meus escravos?” O rei, agora desconsertado, perguntou como poderia este pobre dervixe ser o senhor de alguém, e como ele mesmo poderia, sendo o rei soberano de toda aquela região, estar submetido a alguém. O dervixe então respondeu: “Alguns dos escravos aos quais você obedece e que estão sob o meu poder e comando são a ganância, a vaidade e orgulho!”

e) A Alma Satisfeita com Deus

É o nível onde o indivíduo estabelece uma relação mais íntima com a Presença Divina. Ele é capaz de intuir essa Presença em cada aspecto ou evento da realidade, a vida representa um meio através do qual ele percebe essa Presença e com a qual ele dialoga e através da qual, percebe novos significados. Nessa dimensão existe uma nova intensidade emocional, onde o indivíduo está satisfeito com o que quer que lhe advenha da realidade. É o estágio relacionado também com uma forma superiora de

compreensão. Corresponde a um estágio ainda mais equilibrado e harmônico que os anteriores.

Para essa dimensão conta-se que, uma vez, um rei ofereceu ao seu súdito predileto uma fruta desconhecida. Este, ao experimentá-la, elogiou seu sabor e textura e comparou-a a uma fruta vinda do paraíso. O rei então decidiu experimentá-la, e ao fazê-lo espantou-se com seu sabor amargo. Ele perguntou ao seu escravo: “Como é possível que essa fruta lhe tenha causado tanto prazer?” O escravo respondeu: “Como poderia eu reclamar do gosto de uma fruta amarga tendo já recebido de suas mãos tantas graças? Na verdade, é a bênção da tua presença que provo sempre que recebo algo de ti.”

f) A Alma com quem Deus está Satisfeita

Este é o nível onde o indivíduo está em harmonia com o mundo, e sua ação se torna adequada às necessidades do momento. Nesse estágio, o indivíduo é considerado o Pai do Momento. A sensação de intimidade se estreita e a união se realiza, pois a busca por Deus se torna a busca de Deus por ele. Ele compreende que a expressão de sua necessidade e busca são um reflexo da necessidade pelo retorno inerente em toda a criação. Essa é a dimensão do *fana* (aniquilação) onde se compreende que o buscador, a busca e buscado são expressões de uma mesma realidade. Nessa dimensão compreende-se que a própria identidade é um reflexo da unidade divina que busca contemplar a si mesma através de cada indivíduo. Afinal, se cada coisa é expressão da presença divina, ainda assim, ao ser humano cabe o papel de ser capaz de conferir consciência a essa totalidade.

Um dos profetas da tradição abrahâmica é José, filho de Jacó, que é frequentemente associado na literatura sufi com o representante da beleza divina¹⁴. Um dia seu amigo saiu para uma viagem por terras longínquas e José, sabendo da viagem, lhe pediu um presente. O amigo viajou por meses, mas teve dificuldade em achar um presente, pois nada lhe parecia suficientemente adequado. Por fim este amigo retornou a casa e logo foi ver José. Assim que se encontraram, este entregou a José seu presente embrulhado. José desembalhou o presente e descobriu ser um espelho perfeitamente polido – ele olhou para seu amigo sem palavras, e este lhe disse: “Visto que tu és o mais belo dos seres criados e tendo Deus lhe conferido todos os bens da terra o que poderia eu trazer-lhe de presente se não algo no qual você pudesse contemplar sua própria face e sua própria beleza?”

g) A Alma Perfeita

Esse estágio relaciona-se com o *baqa* (permanência) onde após a aniquilação, a identidade surge plenamente consciente de que ela é a expressão única da própria presença divina.

Neste nível a alma se torna um espelho da própria totalidade dentro da qual ela está inserida, e é este nível que reflete o conceito de *Insan-el-Kamil*, o Homem Perfeito. No espelho de sua alma, todas as coisas, no céu e na terra, são refletidas.

¹⁴ ,Jami. Joseph and Zuleika. http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/jami_jose_zuleica.pdf

Um dos grandes expoentes do Sufismo, Ibn Arabi, descreve a palavra *Insan* não apenas como homem, mas também como pupila - os olhos através dos quais Deus contempla a sua criação e a si mesmo¹⁵.

Conta-se que uma vez, o amante bateu à porta do amado. Lá de dentro veio a pergunta: “Quem está à porta?” O amante respondeu: “Sou eu, por favor, abra.” O amado disse: “Você ainda não está pronto. Vá embora.” O amante desesperado afastou-se. Por muito tempo ele manteve a lembrança contínua e intensa do amado, até que finalmente, decidiu tentar outra vez e voltou a procura-lo. Novamente, bateu em sua porta e lá de dentro de novo veio a pergunta: “Quem está aí?”. “Sou eu, por favor, abra.” Novamente, o amado disse: “Você ainda não está pronto. Vá embora.” Muito tempo se passou, onde o amante consumiu seu próprio eu em busca da presença constante do amado, até que os véus da dualidade se esmaeceram. Novamente, ele voltou à casa do amado e bateu à porta. Lá de dentro veio a pergunta; “Quem está à porta?” O amante respondeu: “É você - por favor, abra.” Dessa vez, a porta se abriu.

Esse é um dos modelos que os sufis utilizam para encaminhar e conduzir cada indivíduo em direção a realização da totalidade de seus potenciais. É fundamental que as tradições preservem a objetividade, coerência e consistência das práticas e conhecimentos específicos do desenvolvimento de cada uma dessas etapas. Essa objetividade não deveria ser substituída em prol de uma expressão exclusivamente religiosa, pois quando isso acontece, as tradições perdem sua função de possibilitar ao ser humano atingir os estágios que são apontados por elas. Assim, no momento em que qualquer tradição substitui esse tipo de conhecimento por um aspecto exclusivamente religioso e dogmático, perde-se a função primordial de oferecer um caminho objetivo de desenvolvimento das infinitas potencialidades inerentes ao ser humano.

Sugestões de leitura

- Reza Arasteh. O Crescimento em direção ao Eu (*Growth to Selfhood*). http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/arazteh_5.pdf
- Faradudin Attar. A Conferência dos Pássaros. http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/conferencia_passaros.pdf
- W. H. T. Gairdner. O Caminho do Místico Muçulmano. http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/caminho_gairdner.pdf
- O Recital de Bahauddin Naqshaband http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/recital_bahaudin.pdf
- The Stations of the Way <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/stations.pdf>
- Hakim Moinuddin Chishti. The book of sufi healing. Inner Traditions.
- Umar bin Muhammad-i-Suhrawardi. A Derwish Textbook. Octagon Press.

Autoria: www.imagomundi.com.br

¹⁵ “O homem é para Deus o que a pupila é para o olho, a pupila sendo o meio através do qual se dá a visão; pois, através dele (do Homem Universal) Deus contempla sua criação e oferece sua Misericórdia.” Ibn Arabi. Fusus Al-Hikam. http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/ibn_arabi_fusus.pdf